

12-1-2015

Ano Paulino

Manuel de Sousa Gonçalves

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

de Sousa Gonçalves, M. (2015). Ano Paulino. *Missão Espiritana*, 25-26 (25-26) Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol25/iss25/46>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

Imperador, professou-lhe obediência, e pediu licença para ficar e mostrar os objetos trazidos do Ocidente, os quais fizeram grande sucesso na Corte imperial e junto dos letrados. Eram: um mapa mundi, por onde puderam ver que a China era um grande país, mas não era o centro do mundo como pensavam; um clavicórdio (antepassado do piano, que dava bela música); um astrolábio para navegação no mar. Mas o que fez abrir a boca de espanto, foram “as máquinas para medir o tempo” – os relógios que Ricci mostrou, tendo desmontado e remontado um, para verem como era por dentro. O Imperador quis dois. Ricci instalou-os no Palácio Imperial, mas ia ele mesmo dar-lhes corda cada manhã, guardando a chave consigo. Entretanto, aos letrados deram explicações de matemática, geometria e astronomia. O Imperador pediu a Ricci que elaborasse o calendário imperial e previsse os eclipses, o que ele aceitou fazer. Mais tarde recomendará ao Geral da Companhia que haja sempre um “Irmão astrónomo na China”, para serviço do Imperador. Este foi mais longe; pediu “aos sábios do Ocidente” que fabricassem um canhão (tarefa mais difícil de executar), igual aos que os portugueses tinham em Macau para se defenderem dos piratas.

Entretanto, que sucedera às Comunidades cristãs criadas no século XIV pela Missão Franciscana? Simplesmente, na China e na Pérsia, foram “engolidas” por um conjunto de circunstâncias adversas.

Na viragem para o século XX, havia na China: 3 dioceses, 5 Vicariatos Apostólicos, 117 missionários (59 jesuítas), 200.000 cristãos.

In «Encontro» n.º 409 – maio 2008

ANO PAULINO

1. O ANO JUBILAR DE S. PAULO

Foi em 25 de Janeiro passado, no encerramento do Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos, que, em breve homilia feita no termo da celebração das Vésperas, o Santo Padre anunciou a celebração de um Ano Jubilar em memória de S. Paulo, afirmando: “tenho a alegria de poder anunciar oficialmente que será dedicado ao Apóstolo S. Paulo um Ano Jubilar, a ser aberto em 28 de Junho deste ano e que durará até 29 de Junho de 2009, celebrando o segundo milénio do seu nascimento.

Os objetivos do Jubileu

Num “Consistório de Cardeais”, em Novembro de 2007, já o Cardeal-Arcipreste da Basílica, responsável da Comunidade Beneditina anexa ao Templo, antecipara algumas linhas e objetivos da celebração: aprofundar o conhecimento da mensagem paulina, a qual rescende das suas Cartas, avivar o sentido missionário da Igreja e aproximar os três ramos cristãos, separados entre si pela história passada (Ortodoxia Oriental, Tradição Católica e Tradição Evangélica), para quem S. Paulo servirá naturalmente de traço de união e ponto de encontro.

As iniciativas

Como iniciativas prevê-se um retiro sacerdotal centrado em três temas paulinos, três grandes concertos de música sacra na Basílica, várias exposições colocadas no pórtico da mesma: uma sobre a itinerância missionária de S. Paulo, outra de “filatelia paulina”, e a terceira sobre a história da Basílica. Serão publicados textos de apoio para os peregrinos, bem como um “Manual do Peregrino”, um selo e uma medalha comemorativos, e há já um sítio do Jubileu (www.annopaolino.org). Haverá informação semanal, no Boletim das celebrações incluído no sítio, sobre eventos em perspetiva, e dada informação catequética sobre o Apóstolo. Haverá mais: um Congresso Ecuménico, a cargo da Comunidade Beneditina (que já costuma organizar, cada dois anos, um grande Encontro Ecuménico no espaço da Basílica). As celebrações centram-se na Basílica, em torno dos restos humanos do Apóstolo, que a si próprio, em Rom 11.13, se denomina “Apóstolo das gentes” ou “dos gentios” (os pagãos), ou “das nações” – o termo grego usado por Paulo serve para os três sentidos. O Santo Padre deseja que as igrejas locais realizem a sua própria celebração, sobretudo lá onde S. Paulo tocou, nas suas viagens apostólicas, e que são lugares tidos por paulinos”: Chipre, Malta, e (explicarei mais tarde), a parte sudoeste da nossa Península, correspondente à antiga Província Romana da Bética, a qual mantinha estreita relação comercial e cultural com a capital do Império, e onde havia numerosa comunidade romana, tendo-se o cristianismo expandido rapidamente, como se depreende do número de Bispos presentes nos Concílios Regionais.

Os lugares paulinos

O local onde S. Paulo terá sido decapitado, no ano 67, será também lugar de devota peregrinação (“Tre Fontane”), perto de Roma, tendo a tradi-

ção justificada retroativamente o nome com a explicação de que a cabeça do Apóstolo, decepada, bateu três vezes no chão, e aí apareceram as três fontes que dão o nome à terra.

Após a morte, o corpo do Apóstolo terá sido sepultado num túmulo privado ao lado da Via Ostiense, até ser depositado definitivamente na “Confissão” (local que lembra o martírio) da Basílica, sendo os restos mortais, depois de estudos de história e arqueologia, considerados autênticos.

Haverá obras de restauro na Basílica, sendo refeito o pavimento com mármore vindos da Europa, Ásia e África. Prevê-se ainda um ciclo de 5 conferências, e a Capela batismal da Basílica será transformada em “Capela Euménica”, onde os vários Grupos cristãos poderão reunir-se para oração pessoal ou em grupo. Aliás, no projeto das Celebrações, está previsto, que todo o ano seja vivido em ambiente de ecumenismo, em oração contínua pela unidade plena dos cristãos, lembrando a chama missionária que animava o Apóstolo, tem-se intenção de que haja permanentemente uma lâmpada acesa, significando a irradiação luminosa de Cristo que Paulo espalhou, e que nele próprio animava o seu entusiasmo pelo anúncio do Evangelho.

O ponto mais alto do Jubileu, além da coincidência dele com o Sínodo dos Bispos do próximo Outono, cujo tema é a “Palavra de Deus”, será a celebração ecuménica diante dos despojos do Apóstolo e da corrente (em exposição) com que ele terá sido algemado.

Tudo considerado, é mais que lógico que o centro do Jubileu seja a Basílica Paulina, até pelo facto de ter sido aí, também no termo de uma Semana da Unidade, que João XXIII anunciou a realização do Concílio Euménico, em 25 de Janeiro de 1959, e ainda de um primeiro Sínodo da diocese de Roma, tendo logo sugerido, no discurso de abertura do Concílio, em 11 de Outubro de 1962, uma orientação ecuménica para o mesmo: renovada a Igreja pela graça de Deus, poderemos dizer aos irmãos separados: Irmãos, unamos as mãos e o coração para, em harmonia, anunciarmos Cristo ao mundo atual. Sem dúvida, o Jubileu paulino será o grande acontecimento eclesial do nosso tempo.

In «Encontro» n.º 410 – junho 2008

2. S. PAULO, O HOMEM E O APÓSTOLO

Na história da Igreja e do desenvolvimento do cristianismo primitivo, cabe um lugar de destaque ao Apóstolo S. Paulo, pela sua atividade missionária, pela espiritualidade que o animava, pela estratégia missionária em que apoiava a sua ação. Repassando os Actos dos Apóstolos e as doze cartas do

Apóstolo (deixando de lado a Carta aos Hebreus, que se pensa ser escrita sob a sua influência, mas por um discípulo e companheiro, talvez Apolo), podemos estabelecer com suficiente certeza a cronologia do Apóstolo, perceber as motivações ou a espiritualidade que o animava, a sua maneira de abordar as diferentes situações missionárias com que lidou (apesar da relativa unidade cultural do mundo greco-romano) havia diversidade, seja por particularidades étnicas, seja por causa da enorme Diáspora Judaica, presente em todos os recantos do império. Esse facto levou-o a estar atento às exigências da inculturação da fé cristã, ponto em que ele foi missionário exemplar.

Paulo, Apóstolo

Paulo considera-se Apóstolo e como tal é tomado desde a mais antiga Tradição cristã. Havia três exigências para alguém ser tido por Apóstolo nas primeiras Comunidades: ter vivido com Jesus, ter fundado Comunidades, e sobretudo ser “testemunha de Cristo Ressuscitado”. A Paulo não se aplica a primeira exigência, mas aplicam-se bem as outras duas. Embora se considere “o menor dos Apóstolos”, confessa humildemente, por ter sido perseguidor (1 Cor 15.9), ele afirma várias vezes ter “visto” Jesus glorioso. Di-lo em 1 Cor 9.1; 1 Cor 15.8; Act 22.14 e 26.16. Entendendo os factos, bons exegetas pensam que a “visão” de Jesus foi, quando, a caminho de Damasco, caiu da sua altivez de “cavaleiro e duro fariseu”, e foi encandeado por uma luz que o deixou meio cego: era o brilho do corpo Ressuscitado de Jesus. Que essa “visão” não foi somente mística mas real, di-lo a seguir o discípulo Ananias, antes de o batizar (Act. 9). Disse-lhe (v.17): “Saulo, meu irmão, é o Senhor Jesus que me envia a ti, esse Jesus que te APARECEU no caminho por onde vinhas”. O curioso é que Paulo, contando em Cor. 15 a quem tinha aparecido Jesus Ressuscitado, situa a sua visão na mesma linha de validade que a “visão” dos Apóstolos e discípulos, por ocasião das “aparições” do Ressuscitado; para Paulo, tinham a mesma validade (1 Cor, 15. 3-11). Em 2 Cor. 11. 22-29, temos confirmação de que S. Paulo se considerava “apóstolo” de pleno direito.

Cronologia de S. Paulo

Há maneira de estabelecer uma cronologia paulina bastante segura, se compararmos os dados dos Actos dos Apóstolos com o que o próprio Paulo vai indicando ao longo das suas Cartas. Pensa-se que terá nascido entre os anos 5 e 10 da era cristã, sendo por isso dez anos mais velho que Jesus, pelo que não pôde conhecê-lo fisicamente.

Terá começado o seu apostolado pelo ano 33-34, ainda antes da lapidação de Estêvão (em 37, teria Paulo uns 15 anos). Em 43, estava com Barnabé em Antioquia, o polo da sua irradiação missionária. Se a sua última viagem missionária foi de 53 a 58 (esteve ano e meio em Éfeso), terá chegado a Roma em 60-61, onde evangelizou a numerosa Comunidade judaica de Roma e quem o ia visitar na sua casa-prisão. É praticamente certo que foi decapitado em 67, na localidade perto da Via Ostiense, que tinha o nome de “Ad Acguas Salvias” (águas termais), hoje dita “Tre Fontane” (“Três Fontes”). Este nome deve-se a uma antiga tradição romana de que, ao tocar três vezes o solo, a sua cabeça fez nascer depois uma tripla fonte. Pode ser apenas uma piedosa explicação retroativa, embora ela seja afirmada desde cedo na tradição cristã de Roma. O corpo de Paulo terá sido depositado temporariamente num túmulo particular ao lado da Via (onde havia túmulos, inclusive de cristãos), até ser colocado junto do altar da Basílica que leva o seu nome, fora das muralhas romanas do século III (daí o nome de “Basílica de S. Paulo “fora dos muros”), A visão na estrada de Damasco, pensa-se, teve lugar em 36-37 (Act.9.1-30), e valeu para Paulo poder reclamar o título de Apóstolo. O nome original seria Saulo; mas, por melhor sonorização, tanto em grego como em latim, o nome “Paulo” era preferível, até porque era usual no tempo as pessoas usarem dois nomes, em conjunto ou em separado. É o que se passa com Paulo nos escritos do Novo Testamento, como se vê em Act.13.9, e 9. 36.

O conhecimento de Jesus Cristo

Mas, se Paulo não conheceu fisicamente a Jesus, como conseguiu explicitar tão bem a mensagem do Mestre? Costuma explicar-se o facto pela sua formação rabínica e conhecimento do Antigo Testamento, pelo convívio com Pedro (com quem polemizou - Gal. 2.11-14) o encontro com Tiago, primeiro Bispo de Jerusalém e “irmão” (isto é, “primo”) do Senhor (ibidem.v.9), com os seus companheiros de apostolado Barnabé, Marcos e Lucas, e ainda por ter passado temporadas na Comunidade-mãe de Jerusalém e no grande Centro cristão que já era Antioquia (Act.13), e em Damasco, com os irmãos, depois da conversão. Acrescente-se o facto de a conversão ser “iluminante”, gerando um amor apaixonado por Cristo, de onde decerto lhe veio a “sabedoria” inspirada pelo Espírito Santo, que marcou a sua própria inteligência viva e intuitiva.

Não só: Paulo afirma várias vezes que o conhecimento de Cristo não o teve “por informação humana, mas por revelação do próprio Senhor”; tem-no dito em Gal.1.11-18; a expressão “revelar, em mim, Seu Filho”, entende-se como Jesus sendo ao mesmo tempo o autor e o objeto dessa revelação (ver v.16), Ef.3.3-10.

Desse modo, pôde autodenominar-se “arauto, apóstolo e servidor do Senhor” (2 Tim.1.11). Além disso, cinco vezes, no início de várias Cartas, se apresenta como “Apóstolo de Jesus”, de “Jesus Cristo”, ou “do Senhor”; afirma com frequência que foi essa a “graça” recebida do Senhor, em favor do anúncio do Evangelho aos “gentios”.

Em termos de apostolado, Paulo diz com simplicidade em 2 Cor 11, que trabalhou e sofreu mais do que todos os outros Apóstolos. Não lhe faltou informação sobre a pessoa e a mensagem de Jesus, completada pela revelação direta recebida.

Se introduziu termos novos, como “a filiação adotiva” do cristão, por exemplo, isso não era mais do que um desenvolvimento do facto de Jesus falar de Deus como “meu Pai e vosso Pai” (Jo.20.17). Mas a “revelação” na estrada de Damasco foi a sua grande descoberta do próprio Jesus e da sua própria vocação e missão de evangelizador dos povos (Act.9. 15-17).

In «Encontro» n.º 411 - julho 2008 .

3. ESPIRITUALIDADE MISSIONÁRIA DE S. PAULO

Os pontos de apoio da sua espiritualidade apostólica, a qual o levou a uma entrega total à evangelização (“ai de mim se não anuncio o Evangelho”, 1 Cor.9.16), motivando-o no seu dinamismo psicológico e anímico, era antes de mais um amor apaixonado por Cristo (dimensão cristológica), e uma dedicação extrema (chegou a usar expressões de ternura) às Comunidades que fundou (umas 10) e continuou a assistir à distância ou por meio dos colaboradores que enviava para as animar (dimensão eclesial); e ainda uma atenção cuidadosa às sugestões do Espírito Santo e às aberturas que Ele facultava. “Espiritualidade” significa a motivação de fé que anima o “homem espiritual”, isto é, aquele que é conduzido pelo Espírito de Deus (Rom.8.1). Relendo textos dos Actos e das Cartas paulinas, vemos que sobressai o seguinte na sua vida e ação de Apóstolo:

Um amor apaixonado e identificante com Cristo

Em Gal.2, Paulo chega a afirmar que, para ele, viver consistia em estar sempre unido a Cristo. Isto é: respirava Cristo, transpirava Cristo. Pela mesma razão, não pode viver sem anunciar o Evangelho (1 Cor. I 9.16). Ideia semelhante, mas com outra formulação e quicá mais agressiva, aparece em Filip. 3.8-11: “considero tudo quanto está fora de Cristo como sendo “lixo”, “perda”, pois só

me interessa alcançar” o conhecimento” de Jesus Cristo meu Senhor”. É assim que traduzem a generalidade das Bíblias. Mas o termo usado por Paulo, no original grego, é muito mais forte, significando “lixo humano”. Para Paulo, tudo o que não fosse amor e dedicação a Cristo, recebia essa qualificação de desprezo. Não era possível exprimir a sua união a Cristo de maneira mais forte.

O maior comentarista de S. Paulo, na Antiguidade cristã, foi o Bispo de Constantinopla, no século IV, S. João Crisóstomo, que sintetizou numa fórmula lapidar a dimensão cristológica da espiritualidade apostólica de Paulo, escrevendo: “cor Pauli, cor Christi”. O que significa: “o coração de Paulo batia ao ritmo do coração de Cristo”!

S. Paulo foi missionário de Cristo e do seu Evangelho (Act.13.2-6) porque vivia apaixonado por Ele.

Abertura aos apelos do Espírito

O amor apaixonado por Cristo, por atração, levava-o a uma abertura total aos apelos do “Espírito de Cristo”, que o capítulo 14 de S. João, v.12-15, apresenta como garante de que a Missão de Cristo é prolongada na Igreja e na dedicação dos seus missionários. Desse modo, Paulo passa da Ásia para a missão na Europa por inspiração do Espírito Santo. (Act.16. 9-11). Sobretudo, Paulo é consagrado para a Missão pela sua Comunidade de adoção, Antioquia, com imposição de mãos dos “Profetas” (título dado então aos Responsáveis da Comunidade); impor as mãos era um gesto de origem judaica que significava partilha ou entrega de “missão”. Os “Profetas” fizeram-no “por inspiração do Espírito Santo (Act.13.2-3), muito provavelmente no decurso de uma Eucaristia, na qual o Espírito de Cristo atua sacramentalmente. As Bíblias em vernáculo costumam traduzir assim: “estando eles a celebrar o culto do Senhor”; mas logo a seguir o texto grego diz: “Iiturgia para o “Senhor Jesus”, (isto é, em sua “memória”), donde aparece que a expressão indicia Eucaristia.

Quanto a Paulo viver em união com o Espírito Santo, é de concluir pelo facto de ele o recomendar aos cristãos, afirmando que é por sua ação que se têm os frutos de uma vida santificada (Ef.4.30), e se recebe o dom de uma autêntica oração (Ef.6.18). Já que o Espírito Santo é a nossa vida (Gal.5.16 e 22), que seja Ele também a conduzir a nossa ação (Rom.8.1).

A consciência de vocacionado

Outro traço da espiritualidade missionária de Paulo é o seu sentido de vocação, de vocacionado. Era “enviado de Cristo, seu Apóstolo, seu ministro e servidor” (Rom.15.16, Ef.1.1). Paulo assim se apresenta no início de

todas as suas Cartas, logo a seguir ao endereço das mesmas. Essa consciência não o leva a sentir-se superior aos demais, mesmo se trabalhou na Missão mais que todos (2 Cor.11), pois tinha consciência de ter sido perseguidor (1 Cor. 15. 9-10). Essa consciência de vocacionado funcionava para Paulo como constante apelo à fidelidade, levando a sua carreira apostólica até ao fim (1Tim.1.12-16, e 4.6-8).

Enviado pela Comunidade de Antioquia, na qual se apoiava, a ela voltou para prestar contas e partilhar a alegria da Missão (Act.14.26), uns 15 anos depois da sua partida missionária.

In «Encontro» n.º 412 - Agosto/Setembro 2008

4. ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA DE S. PAULO

Nota-se pelas cartas que a ação missionária de Paulo se apoiava numa forte espiritualidade apostólica; foi sempre exercida em comunhão com a Igreja local a que Paulo pertencia por adoção, Antioquia, na qual se apoiava; fez missão, acompanhado por um grupo de colaboradores, homens e mulheres, que o seguiam e ajudavam; missionou em equipa, não como franco-atirador isolado. Vamos por partes.

Densa espiritualidade missionária

Uma vez que a vida missionária exige uma entrega total de si mesmo ao serviço do Evangelho de Cristo, da Sua Pessoa e da Igreja que lhe está consagrada, está sempre suposto que o missionário viva uma espiritualidade consciente e operosa, cultivada diariamente com e na sua dedicação apostólica. Como foi dito, em S. Paulo, a sua espiritualidade assentava em dois amores fundidos num só: amor apaixonado por Cristo (como se vê por 1Cor.2.2, 2Cor.1.2, 1Cor. 16-22), unido a um amor que por vezes Paulo qualifica como paternal, e outras até como amor materno, em relação ao povo cristão, às Comunidades que fundara e de longe assistia: numa palavra, amor a Cristo e à Igreja, unidos entre si. É o que transparece, essa unidade de amores, de textos como 2Cor. 5.14, e 20: “o amor de Cristo me impulsiona, sabendo que Ele deu a vida por todos.”

O amor à Igreja recebe acentuação pelo facto de Paulo tratar algumas Comunidades com expressões de ternura e afeto: “tal como uma mãe que tem o filho ao colo e o acalenta contra o seu peito”. É o que diz em 1Tes.2-7, para essa Comunidade pela qual se sacrificou; o mesmo diz em GaI. 4.19, afirman-

do, alegoricamente, que foi ele quem deu à luz essa Comunidade! Em 1 Cor. 4.15, considera-se “pai” da Comunidade: “fui eu quem, pelo Evangelho, vos gerei em Cristo Jesus”.

Na linha desta espiritualidade tão personalizada, Paulo, nas Cartas, deixa escapar indicações do que ele consideraria as “virtudes apostólicas” do missionário. Cita, indiretamente, a caridade apostólica em 2Cor. 1.6, em 2 Tim.3.1 0-13. Daí flui para a psicologia do missionário, a fortaleza, a perseverança a “coragem e ousadia apostólicas” (Rom..16), a disponibilidade missionária (Rom.1.9-15), e a longanimidade perante as dificuldades, (1 Tim.1, 6-13). Resulta assim que, segundo S. Paulo, o missionário é pessoa de “esperança”, diz em 2 Tim.2 3-13.

Apoio na comunidade

Paulo viveu e missionou apoiado na Comunidade local de sua pertença adotiva, Antioquia: foi enviado por ela em Missão, e a ela regressa uns 15 anos depois, para dar contas e partilhar as alegrias e dificuldades da Missão, com “edificação” espiritual dessa “sua” Comunidade (Act. 14. 24-26, fim).

Colaboradores

Notável, é que Paulo, na sua Missão, se tenha feito acompanhar de um bom grupo de colaboradores, que vêm citados no fim das suas Cartas: ao todo, umas 20 pessoas, homens e mulheres; umas oito mulheres e uns 10 homens, de entre os quais sobressaem “Timóteo, meu colaborador” (Rom. 16.21), e meu “filho na fé” 1Tim. 1.2); “Lucas, “o nosso médico amigo” (Col. 4.14) e Tito. Andam no círculo de Paulo 2 casais (Áquila e Priscila, Andrónico e Júnias), e algumas “irmãs cristãs”. Para que não houvesse má interpretação, Paulo alega ter o mesmo direito que os outros Apóstolos, incluindo Pedro (1 Cor.9.5-7), de andar acompanhado de uma “irmã cristã”!

Ação e oração

Por fim, um último traço da vivência paulina da Missão, é o facto de ele unir ação e oração. Ora pelas Comunidades, pede a estas que orem por ele e seu trabalho (2Tes.1.11 e 25, 3.1). Em Rom. 15.30, diz mesmo que esta sua oração de intercessão é uma “Luta”, significando a insistência e fervor que coloca nela.

5. S. PAULO E A INCULTURAÇÃO DA FÉ CRISTÃ

Designa-se por “inculturação”, em Antropologia Cultural e Missiologia, o fenómeno do encontro e mútua fecundação entre determinada cultura local e a mensagem cristã, com seus valores constitutivos: com tal encontro, enriquece-se a cultura desse povo, e a mensagem cristã ganha maior expressão humana e alarga a compreensão do Evangelho.

O fundamento da questão é de ordem teológica e criacional, pois baseia-se na certeza, mostrada pelas primeiras páginas da Bíblia, de que o Espírito de Deus está presente e atuante na história dos homens desde a Criação. Por isso, à luz da nossa fé cristã, em todas as culturas humanas há traços e valores que, purificados do que é anti-humano ou anti-Deus, podem entrar no conteúdo da fé cristã, seja como expressão religiosa, adequada para dado povo, seja como conteúdo humano ou religioso tornado cristão. O Concílio foi buscar à teologia da Antiguidade (S. Clemente de Alexandria, século III) uma expressão que é luminosa e que o Decreto Missionário utiliza: em todas as culturas sãs há “sementes de Evangelho”, à espera de serem desabrochadas pela ação do Espírito Santo, presente em todas as Comunidades de fé. A seguir ao Concílio, na mesma linha de ideias, falava-se de “pedras de contacto”, sobre as quais se pode e deve assentar a vida da Comunidade local tornada cristã.

O processo de inculturação da fé é indispensável para exprimir a catholicidade da Igreja e do Evangelho, destinado a todos os povos. É realizado dentro da Comunidade cristã como um todo e por ela, mas no fundo resulta da ação do Espírito Santo, presente desde o princípio em toda a situação verdadeiramente humana, levando silenciosamente essa cultura e seu povo para os caminhos da salvação.

Neste campo da inculturação da mensagem cristã na cultura do helesmo mediterrânico dos séculos I - II, S. Paulo foi um grande modelo de missionário inculturante. Em três pontos centrais da fé cristã: no conceito de “Redenção” do homem pecador, resgatado pelo sacrifício de Cristo na Cruz; na nova situação do homem crente e batizado como “filho adotivo de Deus”, e numa reinterpretação que ele faz, argumentando à maneira da exegese rabínica em que fora iniciado, da pessoa e função na História de salvação do Patriarca Abraão.

1º. Para fazer entender o alcance e sentido da REDENÇÃO operada por Cristo na Sua morte e ressurreição, Paulo foi buscar, purificando-os do que tinham de anticristão, o conceito e os termos da prática social generalizada então, que era a escravatura. Na cultura greco-romana, o escravo era visto e tratado como simples objeto de compra e venda, e de exploração servil em benefício do dono: por ser anticristão, Paulo deixa cair esse elemento, e dele só

mantém o mínimo: o sinal de pertença do escravo a determinado dono, que ele, para o caso do cristão, transforma no sinal de pertença a Cristo, marcado que foi pelo Espírito Santo no seu coração de “homem novo”.

O escravo era pertença total do dono, que tinha sobre ele direito de vida ou morte, e ao qual marcava com seu sinal na testa ou no pescoço. Fazendo dessa prática uma analogia, S. Paulo começa por lembrar aos cristãos de Roma e de Éfeso, que antes do batismo estavam escravizados pelo pecado (Paulo descreve em termos bastante negativos a situação moral da cultura greco-romana de então – ver, por exemplo, Rom.1, 24-32, Ef. 2, 1-12). Diz: escravos do pecado, antes do Batismo éreis dominados pelo “senhor deste mundo pecador”, o “espírito demoníaco” que anda pelo espaço entre terra e céu (os termos eram conhecidos, por serem usados pela grande heresia do tempo, o chamado “Gnosticismo” popular).

O escravo podia alcançar a liberdade, ou por generosidade do dono, ou pagando, ele ou alguém por ele, o resgate exigido. Paulo aplica a ideia, em contexto do mistério pascal de Cristo, à libertação do “homem novo batizado”: foi resgatado pelo sangue de Cristo, derramado por amor na cruz, “libertado” da prisão em que o “príncipe deste mundo”, o mantinha amarrado ao pecado (CoI.1.13-14, 2Cor. 1, 21-22, Ef. 4, 27-30).

Para os cristãos, levando vida nova após o Batismo e já longe do pecado, era fácil fazer a transposição analógica dos costumes da escravatura, para a nova realidade de libertação cristã resultante da Cruz de Cristo (Gal.5. 1-13, CoI.1.13, Rom. 821).

2º O cristão, “filho adotivo de DEUS”, por estar unido pela fé batismal a Cristo, “filho de Deus em sentido próprio”, de cuja filiação participava agora o cristão. A adoção era prática corrente no tempo, sancionada pelo Direito helenista, e ela implicava entrada na família e participação na herança familiar. A nova expressão era facilmente entendida por quem vivia na cultura greco-romana, aplicando agora o conceito à nova relação com Deus. Desta adoção familiar, fala Paulo em Gal. 4. 6-7, e Rom 8.15-16.

3º A reinterpretação da figura de Abraão: Paulo, sobretudo para os judeo-cristãos, procura convencê-los da novidade da salvação em Cristo, jogando com os dois sentidos da pessoa de Abraão. Abraão era o antepassado e epígono do povo do Antigo Testamento, que tinha vaidade em ser de sua descendência étnica (Lc.3.8); na visão de Paulo, a circuncisão, introduzida pelo Patriarca, funciona como síntese de toda a prática religiosa do Antigo Testamento, e acha que o cristão já está livre desse legalismo e que Abraão foi grande sobretudo por ser obediente a Deus, e homem de fé; teve a promessa de que seria abençoado na sua descendência (que Paulo lê com letra grande, afirmando que essa “Descendência” era a pessoa de Cristo). Desse modo,

argumenta Paulo, os verdadeiros descendentes de Abraão não são os de descendência carnal, pois foram ultrapassados pelos “Descendentes” em linha de fé, remidos e renovados pelo “Descendente” por antonomásia que foi Cristo. Ou seja: a nova situação cristã aboliu a situação do Antigo Testamento. Paulo aproveita para ultrapassar o choque entre a Lei de Moisés e a novidade cristã, em favor desta nova situação (GaI.3. 6-7).

In «Encontro» n.º 414- Novembro 2008

6. TERÁ S. PAULO VINDO A ESPANHA?

Afirmam-no vários exegetas, no seguimento do belga Spicq: para eles, S. Paulo terá visitado a parte sudeste da Península, onde se situava a Província romana da Bética, da qual se sabe que mantinha relacionamento comercial e marítimo com a capital do Império. Aliás, trata-se de uma terra fértil, e é sabido que os Romanos usavam estabelecer “villas” (ou quintas) agrícolas nas melhores terras do que iam conquistando. Certo, é que Paulo tinha intenção de ir até Espanha, e para esse projeto contava com a ajuda da Comunidade de Roma, seja em companhia, seja em fornecimento de víveres. Di-lo abertamente em Rom 15, 22-28.

O fundamento para essa tese, a sua presença na Bética romana, é o testemunho de S. Clemente de Roma, que no ano 96 escreveu: “Paulo chegou, no seu apostolado, às extremidades, ao ‘termo’ do Ocidente”. Na geografia romana do tempo, ‘termo’ significava o último ponto atingível, que se dizia ser o que chamavam, miticamente, ‘colunas de Hércules’ e correspondia ao atual estreito de Gibraltar; a Bética ficava para leste, abrangendo a região que hoje vai de Valência a Cádiz; Plínio diz que tinha 175 povoações importantes (que ele chama “cidades”) e oito colónias romanas. Chegar às costas da Bética era fácil. Aliás, os romanos usavam somente navegação de cabotagem, ao longo da costa, e não teriam meios para desafiar as ondas alterosas do Atlântico nem conhecimentos para aí se orientarem. Isso virá depois, com a “Escola de Sagres” do nosso Infante D. Henrique. Essa afirmação de S. Clemente é repetida por vários Padres da Igreja dos primeiros quatro séculos cristãos, e é retomada e referida por S. Ireneu de Lião, no século III. Mas o que quer que se diga para além da presença paulina na Bética, é pura especulação não fundamentada. Mas quanto à estadia na Bética, é praticamente certo, pelo monte de testemunhos dos primeiros séculos. Naturalmente, os exegetas espanhóis defendem a tese com galhardia, afirmando: “a nossa Igreja é de fundação paulina” (afirmação que é necessário temperar, para não forçar demais as coisas).

É que, além da Bética, havia na Península mais duas “Províncias Romanas”: a “Tarracense” (parte sul da Catalunha atual), e a Lusitânia, que abrangia a atual Estremadura espanhola, onde ficava a capital da Província, Mérida, mais o território português atual, até ao rio Douro.

Para confirmar a tese da presença de S. Paulo na Bética, pode aduzir-se o facto de os Romanos chamarem ao Mediterrâneo “mare nostrum”, “o nosso mar”, pois viajavam, para leste e oeste, somente nesse “mar” interior. Tendo vindo até ao “termo do Ocidente”, segundo o testemunho de S. Clemente, é normal que tenha arribado junto das Comunidades romanas estabelecidas na região do atual “Levante” espanhol, que corresponde à antiga Bética (Bétis é o nome do rio que atravessa Sevilha).

In «Encontro» n.º 415 - Dezembro 2008

PADRES ANGOLANOS EXILADOS EM PORTUGAL DURANTE O PERÍODO FINAL DA ÉPOCA COLONIAL

Foram todos mandados de Luanda para Lisboa, pela PIDE-DGS, em 1961, a seguir ao 4 de Fevereiro em Luanda e às complicações que se seguiram (confrontos no cemitério do Alto das Cruzes, perseguições da Polícia, ambiente tenso nos muceques). Deve dizer-se também que o aperto e vigilância exercidos sobre os sacerdotes luandenses atingiram o Seminário Maior. A Pide começou a querer interferir na vida interna do Seminário: alguns alunos acusaram um ou outro Padre de ser informador; vários alunos desistiram (alguns finalistas ou quase, por ex., o Carlos Lopes, do Duque de Bragança ou Kalandula), e outros foram despedidos. Praticamente a tensão existiu sobretudo no Seminário de Luanda, onde alguns dos sacerdotes a seguir exilados eram professores (Vicente Rafael, Joaquim Pinto de Andrade, Alexandre do Nascimento). Vários tinham licenciatura em Teologia da Universidade Gregoriana de Roma (Andrade, Nascimento, Vicente).

Para a cadeia em Lisboa, foi só o P. Joaquim Pinto de Andrade (o Aljube); nenhum deles foi julgado ou levado a tribunal. Os outros ficaram todos em residência fixa (em Comunidades Religiosas Masculinas). Deve dizer-se que D. Moisés defendeu os seus Padres, argumentando que a Polícia exagerara. Um gesto de D. Moisés que caiu bem nesses Padres, foi ter-lhes